Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Queda do consumo de feijão no Brasil: projeções até 2040

Decline in bean consumption in Brazil: projections up to 2040

Disminución del consumo de frijol en Brasil: proyecciones hasta 2040

Fernanda Serra Granado[1], Marta Germano Prado[2], Nádia Cristine Coelho Eugenio Pedrosa[3], Vanessa da Silva Oliveira[4], Gardênia Menezes de Araújo[3], Wescley Mendes Pedrosa[5].

RESUMO

Objetivo: Identificar mudanças na tendência do consumo alimentar tradicional da população adulta brasileira, utilizando a projeção da prevalência estimada de consumo de feijão até o ano de 2040. **Métodos:** Análise de série temporal com dados do Sistema de Vigilância de Fatores Protetores e de Risco para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel) entre 2007 e 2024. O consumo semanal de feijão foi analisado pela regressão de Prais-Winsten. Baseado na tendência do consumo entre 2007 e 2024 foram projetadas as prevalências estimadas para os indicadores analisados até 2040. **Resultados:** Foram identificadas mudanças no consumo alimentar tradicional dos adultos. O consumo regular de feijão (≥ 5 dias/semana) apresentou a maior magnitude entre os indicadores, com tendência de redução entre 2007 (66,8%) e 2040 (45,7%). Entretanto, no ano de 2037, uma inversão nas curvas de tendências está prevista e o consumo não-regular de feijão (1-4 dias/sem.) será a prevalência dominante (48,1%). **Conclusão:** A redução do consumo semanal de feijão pode representar a fragilidade de uma cultura alimentar tradicional em um sistema alimentar globalizado, onde o consumo regular do feijão deixará de ser o hábito predominante no país revelando, portanto, a perda de importância do feijão no cotidiano alimentar da população brasileira.

Palavras-chave: Feijão, Consumo alimentar, Comportamento alimentar, Ultraprocessados, Saúde pública.

ABSTRACT

Objective: To identify changes in the trend of traditional food consumption among the Brazilian adult population, through the projection of the estimated prevalence of bean consumption up to the year 2040. **Methods:** Time series analysis with data from the Surveillance System for Protective and Risk Factors for Chronic Diseases by Telephone Survey (Vigitel) between 2007 and 2024. Weekly bean consumption was analyzed using Prais-Winsten regression. Based on the consumption trend between 2007 and 2024, the estimated prevalences for the analyzed indicators were projected until 2040. **Results:** Changes in the traditional food consumption of adults were identified. Regular bean consumption (≥ 5 days/week) showed the greatest magnitude among the indicators, with a decreasing trend between 2007 (66,8%) and 2040 (45,7%).

[1] Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte – MG.
[2] Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo – SP.
[3] Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC.
[4] Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá – AP.
[5] Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural, Macapá – AP.

SUBMETIDO EM: 2/2026 | ACEITO EM: 3/2026 | PUBLICADO EM: 4/2026

However, in the year 2037, a reversal in the trend curves is predicted, and irregular bean consumption (1-4 days/week) will be the dominant prevalence (48.1%). **Conclusion:** The reduction in weekly bean consumption may represent the fragility of a traditional food culture in a globalized food system, where regular bean consumption will cease to be the predominant habit in the country, thus revealing the loss of importance of beans in the daily diet of the Brazilian population.

Keywords: Beans, Food consumption, Eating behavior, Ultra-processed foods, Public health.

RESUMEN

Objetivo: Identificar cambios en la tendencia del consumo de alimentos tradicionales entre la población adulta brasileña, mediante la proyección de la prevalencia estimada del consumo de frijoles hasta el año 2040. **Métodos:** Análisis de series temporales con datos del Sistema de Vigilancia de Factores Protectores y de Riesgo de Enfermedades Crónicas mediante Encuesta Telefónica (Vigitel) entre 2007 y 2024. El consumo semanal de frijoles se analizó mediante la regresión de Prais-Winsten. Con base en la tendencia de consumo entre 2007 y 2024, se proyectaron las prevalencias estimadas de los indicadores analizados hasta 2040. **Resultados:** Se identificaron cambios en el consumo tradicional de alimentos de los adultos. El consumo regular de frijoles (≥ 5 días a la semana) presentó la mayor magnitud entre los indicadores, con una tendencia decreciente entre 2007 (66,8%) y 2040 (45,7%). Sin embargo, en 2037 se prevé una inversión de las curvas de tendencia, y el consumo irregular de frijoles (1-4 días a la semana) será la prevalencia dominante (48,1%). **Conclusión:** La reducción del consumo semanal de frijol puede representar la fragilidad de una cultura alimentaria tradicional en un sistema alimentario globalizado, donde el consumo regular de frijol dejará de ser el hábito predominante en el país, revelando así la pérdida de importancia del frijol en la dieta diaria de la población brasileña.

Palabras clave: Frijoles, Consumo de alimentos, Comportamiento alimentario, Alimentos ultraprocesados, Salud pública.

INTRODUÇÃO

Cada país apresenta seus próprios alimentos tradicionais. Entretanto, o sistema alimentar atual tem contribuído para a modificação dos padrões alimentares das populações em direção à uma alimentação global (FAO, 2021).

O comportamento alimentar não saudável é um fator contributivo para o desenvolvimento da obesidade e ambos, são os principais fatores de risco para as doenças não transmissíveis (DCNT) - como as doenças cardiovasculares, o diabetes do tipo II e certos tipos de câncer (WHO, 2026). Em 2019, 7,9 milhões de mortes e 187,8 milhões de DALYs (anos de vida ajustados por incapacidade) foram atribuídos a fatores de risco alimentares (QIAO J, et al., 2022), o que é relevante considerando que o consumo de alimentos é o principal determinante modificável das DCNT (WHO, 2025).

No Brasil e em outros países de baixa e média renda, o feijão é o alimento símbolo e identitário de uma alimentação tradicional (FAO, 2021). Entretanto, dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) revelou queda no consumo domiciliar de alimentos tradicionais ao longo dos anos (IBGE, 2010; 2020). Entre 2002/2003 e 2017/2018 houve uma redução considerável de 52% no consumo de feijão na população brasileira (IBGE, 2020). Embora esses dados forneçam um panorama importante sobre a redução de um alimento tradicional no país, ainda são necessárias informações complementares (como a frequência de consumo) para identificar mudanças no comportamento alimentar da população.

O feijão apresenta um excelente perfil nutricional sendo reconhecido como um bom marcador de uma alimentação saudável (BRASIL, 2014; FAO, 2021). Além disso, é o alimento símbolo da cultura alimentar brasileira, expresso em diferentes preparações culinárias de renome nacional e internacional compondo, principalmente, o padrão alimentar tradicional do brasileiro.

A avaliação de tendências temporais oferece uma compreensão adequada acerca da importância dos padrões alimentares tradicionais contribuindo para a promoção da saúde e da alimentação, bem como para o debate sobre as mudanças no consumo alimentar em escala global. Desse modo, o presente estudo teve como objetivo identificar mudanças na tendência do consumo alimentar tradicional da população adulta brasileira, por meio da projeção da prevalência estimada de consumo de feijão até o ano de 2040.

MÉTODOS

Desenho do estudo, amostra e coleta de dados

Análise de série temporal composta por inquéritos transversais utilizando uma subamostra dos dados do Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas Não Transmissíveis por Inquérito Telefônico (Vigitel) em uma amostra probabilística de adultos brasileiros (≥ 18 anos), entre os anos de 2007 e 2024 (N=833.217). O Vigitel foi implantado pelo Ministério da Saúde, no ano de 2006, com o objetivo de monitorar, anualmente, a frequência e a distribuição dos fatores de risco e proteção para DCNT na população adulta (≥ 18 anos) residente em todas as capitais brasileiras e no Distrito Federal (BRASIL, 2025).

Os dados são coletados por entrevista telefônica em domicílios residenciais e permanentes (agregados familiares) com, pelo menos, uma linha telefônica fixa. O questionário avalia características sociodemográficas e conta com módulos de investigação dos fatores de risco e proteção para DCNT, incluindo dados de consumo alimentar. O consumo de feijão foi considerado um marcador de dieta saudável, porém não houve dados coletados no inquérito de 2018. Além disso, não houve dados do inquérito em 2022 (BRASIL, 2025).

Os dados do Vigitel são acompanhados de fatores de ponderação para igualar a previsão estimada para o conjunto completo da população adulta brasileira segundo sexo, idade e escolaridade. Mais detalhes sobre a amostragem e coleta de dados estão descritos em seus relatórios anuais (BRASIL, 2025).

Organização e análise de dados

O consumo de feijão foi investigado pelo Vigitel no período de 2007 a 2024 por meio da pergunta: “Quantos dias na semana você costuma comer feijão? (1 a 2 dias por semana; 3 a 4 dias por semana; 5 a 6 dias por semana; todos os dias, incluindo sábado e domingo; quase nunca; nunca)". Três indicadores foram desenvolvidos para representar o consumo de feijão: 'consumo regular' (≥ 5 dias/semana), 'consumo não regular' (1-4 dias/semana) e 'não consumo' (quase nunca | nunca), e todos foram calculados independentemente da quantidade consumida. A variável sexo (masculino; feminino) complementou a análise.

Inicialmente, a prevalência de cada indicador de consumo semanal de feijão foi estimada para cada ano dos inquéritos realizados. A análise foi realizada para o conjunto completo da população e segundo sexo. A regressão de Prais-Winsten foi realizada para identificar mudanças significativas no período completo do estudo (2007-2024).

Nesse modelo, as variáveis dependentes foram todos os indicadores de consumo de feijão (prevalência anual de consumo regular, não regular e não-consumo de feijão) e as variáveis independentes foram os anos de coleta de dados, expressos como uma variável contínua. A significância estatística das tendências foi avaliada por meio do coeficiente de regressão que indica a variação média anual de aumento ou diminuição para cada indicador analisado no período (expressa em pontos percentuais (pp) ao ano). As variações correspondentes a um coeficiente de regressão estatisticamente diferente de zero ($p < 0,05$) foram consideradas significativas. Por fim, esses modelos também foram utilizados na estimativa de projeções de prevalência até o ano de 2040 para o conjunto completo da população e por sexo, com base na tendência do período completo (2007 a 2024) utilizando-se o comando “margins” do Stata (por meio da expressão “margins,at(ano==XXXX)”, inserido o valor do ano e repetindo o processo para cada ano do período desejado, após a regressão linear proposta).

O software Stata®, versão 16.1 foi utilizado para organizar, processar e analisar os dados, considerando o desenho do Vigitel e seus fatores de ponderação. O Vigitel foi aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Ministério da Saúde (Conep 355.590 - CAAE: 16202813.2.0000.0008). Os dados são disponibilizados gratuitamente para acesso e uso público, não permitindo a identificação dos entrevistados.

RESULTADOS

Um total de 833.217 adultos de todas as capitais brasileiras e do Distrito Federal foram entrevistados pelo Vigitel no período de 2007 a 2024, possibilitando estimar a projeção da prevalência para os indicadores do consumo de feijão até o ano de 2040.

Inicialmente, foi necessário investigar a análise do comportamento de consumo do feijão nos anos anteriores. Desse modo, a análise da tendência do consumo entre os anos de 2007 e 2024 revelou uma redução no consumo regular de feijão (≥ 5 dias/semana) da ordem de -0,73 pp/ano ($p<0,05$). Cenário semelhante foi verificado em homens (-0,80 pp/ano; $p<0,05$) e mulheres (-0,66 pp/ano; $p<0,05$) no mesmo período. Entretanto, em sentido oposto, houve aumento na tendência do consumo não-regular de feijão (1-4 dias/semana) na população total (0,75 pp/ano; $p<0,05$), e também na análise estratificada por sexo (homens: 0,77 pp/ano, $p<0,05$; e mulheres: 0,72 pp/ano; $p<0,05$). Adicionalmente, houve redução na prevalência de pessoas que não consumiam feijão durante a semana (0 dias/semana) ao longo dos anos, tanto na população total como entre as mulheres; porém não foram estatisticamente significativas ($p>0.05$) (**Tabela 1**).

Tabela 1 - Prevalência§ (%) do consumo regular (≥ 5 dias/semana), não-regular (1-4 dias/semana) e do não consumo (0 dias/semana) de feijão na população adulta (≥ 18 anos) das capitais brasileiras e do Distrito Federal por ano. Vigitel, Brasil, 2007-2024.

Variáveis	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2019	2020	2021	2023	2024	Var. Média (2007/24) (pp/ano)
Consumo regular de feijão (≥ 5 dias/sem.)																	
Masculino	73.7	72.7	71.7	71.4	73.8	74.3	72.9	72.6	71.2	67.4	66.6	66.6	63.4	65.2	63.1	62.6	-0.80*
Feminino	61.0	59.4	59.1	60.2	62.1	61.9	61.6	60.5	58.7	55.3	53.6	53.8	53.4	55.2	53.4	51.3	-0.66*
Total	**66.8**	**65.6**	**64.9**	**65.3**	**67.5**	**67.6**	**66.8**	**66.0**	**64.3**	**60.8**	**59.5**	**59.6**	**57.8**	**59.6**	**57.8**	**56.4**	**-0.73***
Consumo não-regular de feijão (1-4 dias/sem.)																	
Masculino	22.8	24.5	25.9	25.5	23.8	23.4	24.8	24.8	25.9	30.4	30.6	30.8	33.7	31.5	33.5	33.9	0.77*
Feminino	32.0	33.9	35.1	34.1	33.1	33.0	33.2	34.6	35.1	39.5	40.8	40.7	41.7	39.4	41.2	43.2	0.72*
Total	**27.8**	**29.6**	**30.9**	**30.2**	**28.9**	**28.6**	**29.3**	**30.1**	**31.0**	**35.4**	**36.2**	**36.3**	**38.2**	**35.8**	**37.7**	**38.9**	**0.75***
Não consumo de feijão (0 dias/sem.)																	
Masculino	3.5	2.8	2.4	3.1	2.4	2.3	2.3	2.6	2.9	2.3	2.9	2.6	2.9	3.4	3.4	3.5	0.03
Feminino	7.0	6.7	5.8	5.7	4.8	5.1	5.2	4.9	6.2	5.1	5.5	5.5	4.9	5.5	5.4	5.6	-0.06
Total	**5.4**	**4.9**	**4.2**	**4.5**	**3.7**	**3.8**	**3.9**	**3.9**	**4.7**	**3.8**	**4.3**	**4.2**	**4.0**	**4.5**	**4.5**	**4.6**	**-0.02**

Vigitel, Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para as Doenças Crônicas Não Transmissíveis por Inquérito Telefônico.; pp/ano, pontos percentuais por ano.

*P < 0.002.

† Ausência de dados de consumo de feijão no Vigitel 2018 e 2022.

§Percentual ponderado para ajustar a distribuição sociodemográfica da amostra do Vigitel à distribuição da população adulta de cada município estimada para cada ano do estudo.

Fonte: Granado FS, et al., 2026; dados extraídos dos inquéritos do Vigitel 2007-2024, do Ministério da Saúde.

Posteriormente, utilizando a análise de tendência dos indicadores de consumo de feijão como base, foi possível projetar a prevalência estimada dos indicadores até 2040. Os dados revelaram uma mudança no comportamento de consumo da população total no futuro.

Apesar das prevalências estimadas do consumo regular de feijão (≥ 5 dias/semana) manterem a maior magnitude de consumo desde 2007 (em comparação aos demais indicadores investigados), sua tendência decrescente ocorrerá, ano a ano, passando de 56,7% em 2025 para 45,7% em 2040. Entretanto, no ano de 2037, haverá uma inversão nas curvas de tendência de consumo, com dominância na prevalência estimada do consumo não-regular de feijão (1-4 dias/semana) (48,1%) (**Tabela 2**), (**Figura 1a**).

Em contrapartida, a despeito das prevalências estimadas do consumo não-regular de feijão (1-4 dias/semana) apresentarem valores inferiores aos estimados pelo consumo regular de feijão ao longo dos anos, sua tendência permaneceu ascendente no período, com projeção na prevalência estimada de 39,1% em 2025 para 50,4% em 2040. Desse modo, no ano de 2040, a prevalência estimada do consumo não-regular de feijão (1-4 dias/semana) será de 50,4%, enquanto o do consumo regular de feijão (≥ 5 dias/semana) será de 45,7% (**Tabela 2**), (**Figura 1a**). De forma complementar, a tendência da prevalência estimada do não consumo de feijão (0 dias/semana) será de redução ao longo dos anos, passando de 4,2% em 2025 para 3,9% em 2040, porém sem significância estatística.

Por sua vez, na análise estratificada por sexo, verificou-se que entre os homens, a prevalência estimada de consumo manteve o mesmo padrão de consumo dos anos anteriores (2007-2024) com maior magnitude na prevalência de consumo regular de feijão (≥ 5 dias/semana) até o ano de 2040 (62,5% em 2025 para 50,6% em 2040), seguido das prevalências de consumo não-regular (1-4 dias/semana) e, por último, do não consumo de feijão (0 dias/semana) (**Tabela 2**), (**Figura 1b**).

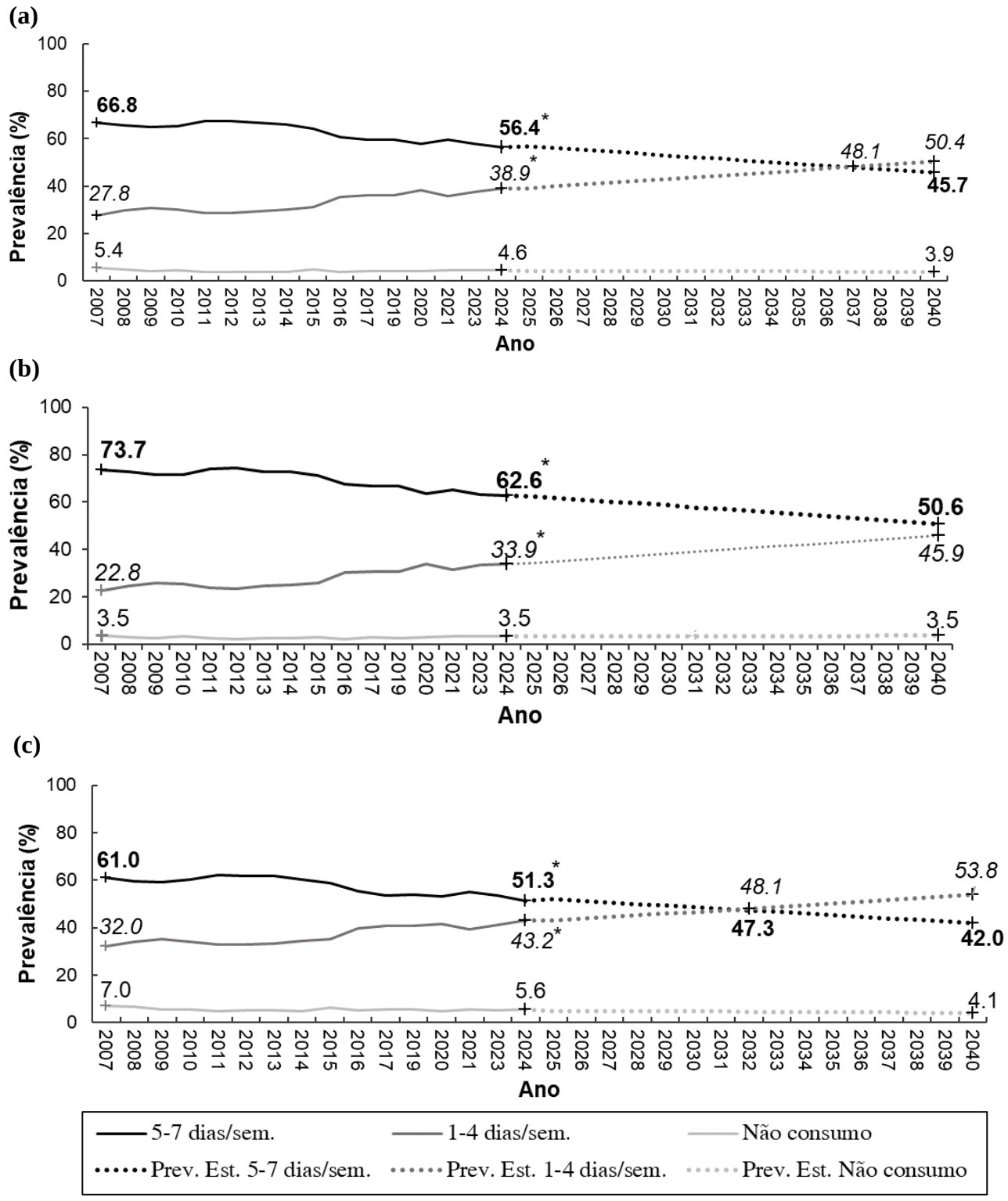
Entretanto, entre as mulheres, a projeção do comportamento estimado de consumo foi diferente, com curva de tendência estimada do tipo descendente ano a ano. Apesar da maior magnitude da prevalência estimada do consumo regular de feijão (≥ 5 dias/semana) manter o mesmo comportamento de consumo dos anos anteriores (2007-2024), verificou-se que sua prevalência estimada para o ano de 2028 será menor do que 50%, ou seja, será de 49,9% no ano de 2028 - apesar de ainda manter a maior prevalência estimada de consumo em comparação aos demais indicadores analisados). Entretanto, posteriormente, uma inversão na prevalência estimada de consumo está prevista para o ano de 2032, onde a prevalência estimada do consumo não regular de feijão (1-4 dias/semana) será maior do que a prevalência estimada do consumo regular de feijão (≥ 5 dias/semana) (48,1% vs. 47,3%, respectivamente). A tendência estimada do não consumo de feijão (0 dias/semana) entre as mulheres apresentou tendência de queda passando de 5,0% em 2022 para 4,1% em 2040 (**Tabela 2**), (**Figura 1c**).

Tabela 2 - Projeção da prevalência estimada§ (%) do consumo regular (≥ 5 dias/semana), não-regular (1-4 dias/semana) e do não consumo (0 dias/semana) de feijão na população adulta (≥ 18 anos) das capitais brasileiras e do Distrito Federal por ano. Vigitel, Brasil, 2025-2040.

Prevalência Estimada	2025	2026	2027	2028	2029	2030	2031	2032	2033	2034	2035	2036	2037	2038	2039	2040
Homens																
Prev. Est. Consumo regular de feijão (≥ 5 dias/sem.)	62.5	61.7	60.9	60.1	59.4	58.6	57.7	57.0	56.2	55.4	54.6	53.8	53.0	52.2	51.4	50.6
Prev. Est. Consumo não-regular de feijão (1-4 dias/sem.)	34.4	35.1	35.9	36.7	37.4	38.2	39.0	39.7	40.5	41.3	42.0	42.8	43.6	44.3	45.1	45.9
Prev. Est. Não consumo de feijão (0 dias/sem.)	3.1	3.1	3.1	3.2	3.2	3.2	3.2	3.3	3.3	3.3	3.4	3.4	3.4	3.5	3.5	3.5
Mulheres																
Prev. Est. Consumo regular de feijão (≥ 5 dias/sem.)	51.9	51.3	50.6	49.9	49.3	48.6	47.9	47.3	46.7	46.0	45.3	44.7	44.0	43.4	42.7	42.0
Prev. Est. Consumo não-regular de feijão (1-4 dias/sem.)	43.0	43.7	44.5	45.2	45.9	46.6	47.3	48.1	48.8	49.5	50.2	50.9	51.7	52.4	53.1	53.8
Prev. Est. Não consumo de feijão (0 dias/sem.)	5.0	4.9	4.9	4.8	4.8	4.7	4.7	4.6	4.5	4.5	4.4	4.3	4.3	4.2	4.2	4.1
Total																
Prev. Est. Consumo regular de feijão (≥ 5 dias/sem.)	56.7	55.9	55.2	54.5	53.8	53.0	52.3	51.6	50.8	50.1	49.4	48.6	47.9	47.2	46.4	45.7
Prev. Est. Consumo não-regular de feijão (1-4 dias/sem.)	39.1	39.9	40.6	41.4	42.1	42.9	43.6	44.4	45.1	45.9	46.6	47.4	48.1	48.9	49.6	50.4
Prev. Est. Não consumo de feijão (0 dias/sem.)	4.2	4.1	4.1	4.1	4.1	4.1	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	3.9	3.9	3.9	3.9	3.9

Vigitel, Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para as Doenças Crônicas Não Transmissíveis por Inquérito Telefônico.; pp/ano, pontos percentuais por ano; Prev.Est., Prevalência Estimada.
§Percentual ponderado para ajustar a distribuição sociodemográfica da amostra do Vigitel à distribuição da população adulta de cada município estimada para cada ano do estudo.
Fonte: Granado FS, et al., 2026.

Figura 1 - Tendências e projeções de prevalências estimadas (%) do consumo semanal de feijão na população adulta brasileira total (a), entre homens (b) e entre mulheres (c) de todas as capitais brasileiras e do Distrito Federal. Vigitel, Brasil, 2007-2040.



*P < 0,05 (2007 a 2024).
Fonte: Granado FS, et al., 2026; dados extraídos dos inquéritos do Vigitel 2007-2024, do Ministério da Saúde.

DISCUSSÃO

Importantes mudanças foram identificadas e estimadas no consumo alimentar da população adulta brasileira (≥ 18 anos) a partir de informações coletadas sistematicamente por mais de uma década. Houve uma redução considerável no consumo regular de feijão (≥ 5 dias/semana) ao longo dos anos de 2007 a 2024, com manutenção da tendência até o ano de 2040. A projeção futura da prevalência estimada apontou que, no ano de 2037, a maioria da população adulta brasileira não irá consumir o tradicional feijão de forma regular, ou seja, no cotidiano habitual de, por exemplo, segunda a sexta-feira ou segunda a domingo. Esse comportamento será modificado pelo consumo não-regular de feijão, ou seja, a grande maioria das pessoas deixará de comer feijão em, pelo menos, 1 dias da semana, com consumo estimado de 1 a 4 dias da semana, a partir de 2037.

Entre as mulheres, a estimativa foi prevista para ocorrer 5 anos antes, no ano de 2032, enquanto, entre os homens, a inversão não está prevista para ocorrer até 2040. Entre os não consumidores de feijão, a prevalência estimada será de redução entre os anos de 2025 e 2040, atingindo 4,1% em 2040.

A compreensão desse cenário deve considerar a substituição do consumo de alimentos básicos e tradicionais como os alimentos in natura ou minimamente processados de origem vegetal (arroz, feijão, mandioca, batata, legumes e verduras) e preparações culinárias à base desses alimentos por produtos industrializados prontos para o consumo, como os processados e ultraprocessados (BRASIL, 2014; FAO, 2024). O sistema NOVA para classificação de alimentos utilizado no Guia Alimentar para a População Brasileira divide os alimentos em quatro grupos baseado na natureza, extensão e finalidade do processamento do alimento: Grupo (1): Alimentos in natura ou minimamente processados, Grupo (2): Ingredientes culinários processados, Grupo (3): Alimentos processados, Grupo (4): Alimentos e bebidas ultraprocessados. Os alimentos processados são os alimentos in natura ou minimamente processados que sofreram modificações por processos industriais como adição de sal, açúcar ou gordura (incluindo as conservas de alimentos) (BRASIL, 2014). Os alimentos ou bebidas ultraprocessados, por sua vez, são formulações industriais com presença parcial ou total de ingredientes de uso exclusivamente industrial contendo pouco ou quase nenhum alimento in natura ou minimamente processado. A grande maioria dos ultraprocessados são conhecidos como “fast food” ou alimentos de conveniência (BRASIL, 2014; LEVY RB, et al., 2024). O feijão pertence à categoria dos alimentos in natura ou minimamente processados e a tendência de queda no consumo regular de feijão até o ano de 2040, verificada em nossos dados, pode contribuir para integrar um conjunto robusto de evidências que sinalizam a perda de importância de alimentos básicos e tradicionais na dieta de diferentes povos, inclusive no Brasil, onde os alimentos ultraprocessados e prontos para o consumo (como pães industrializados, embutidos, biscoitos, refrigerantes e pratos industrializados e prontos para consumo) estão substituindo os alimentos in natura ou minimamente processados (incluindo o feijão) (LEVY RB, et al., 2024; FAO, 2024).

O último inquérito da POF 2017-2018 analisou os dados de compras de alimentos para consumo doméstico das famílias brasileiras e identificou uma diminuição de 7% na participação relativa dos alimentos in natura ou minimamente processados (juntamente com os ingredientes culinários processados) no percentual (%) de energia total da dieta (liderados pelo arroz, leite, carnes de aves e feijão); porém, em sentido contrário, houve aumento de 18% na participação dos alimentos processados (liderados pelos pães, queijos, carnes salgadas, secas e defumadas, e bebidas alcoólicas fermentadas), e de 46% na participação dos alimentos ultraprocessados na dieta (liderados pelos frios e embutidos, biscoitos doces, biscoitos salgados e margarina) (IBGE, 20202). Essa mudança no consumo alimentar da população brasileira também ocorreu em todos os níveis de renda (IBGE, 2020). Os dados da POF (IBGE, 2020) reforçam os nossos achados acerca da redução no consumo de alimentos tradicionais, como o feijão, em detrimento do consumo crescente de ultraprocessados na dieta brasileira.

Adicionalmente, a presente análise é fundamental para complementação e atualização dos dados previamente publicado pelos autores, que avaliou o período de 2007 a 2017 e estimou a projeção de consumo com base no período recente (2012 a 2017) (GRANADO FS, et al., 2021). Os resultados da presente análise incluíram uma maior quantidade de anos do inquérito do Vigitel (2007 a 2024) para análise da tendência com posterior análise da projeção de prevalência estimada até o ano de 2040.

A partir dos nossos achados, a tendência de redução no consumo regular de feijão ao longo dos anos pode ser relacionada às escolhas alimentares dos consumidores por substitutos ao feijão. Nas sociedades modernas, muitos fatores ambientais como preço, disponibilidade, acessibilidade aos alimentos – sobretudo aos ultraprocessados – além das propagandas de alimentos promovidas pela indústria alimentícia podem contribuir para modificações no perfil de consumo das famílias, tanto dentro como fora do próprio domicílio (TURNER G, et al., 2021).

O aumento do consumo de alimentos fora do domicílio suscita grandes preocupações no padrão de consumo. Dados da POF 2017-2018 revelaram um aumento significativo da participação da alimentação fora do domicílio no total das despesas realizadas com alimentação, especialmente em famílias de classes média e alta e com alta escolaridade do chefe da família (IBGE, 2020).

Apesar dos dados do Vigitel não permitirem a identificação do consumo alimentar por dias específicos da semana, infere-se uma modificação do comportamento alimentar no decorrer da semana. Evidências indicam a piora na qualidade nutricional da dieta aos finais de semana em comparação aos dias de semana (BEJAR LM, 2022; ESPOSITO F, et al., 2022), incluindo na população brasileira onde o consumo de feijão se altera aos sábados e domingos (MONTEIRO LS, et al., 2017).

A modificação do consumo alimentar fora de casa ou aos finais de semana, quando composta por alimentos não saudáveis, como os ultraprocessados, contribuem para a redução da qualidade nutricional das refeições contribuindo para uma deterioração do padrão alimentar saudável (ZOU Y E LIN L, 2024; GESTEIRO E, et al., 2022) com potenciais efeitos nocivos à saúde à curto e médio prazos, como a obesidade (BEZERRA IN, et al., 2021).

Evidências robustas sugeriram a vantagem econômica na preparação das refeições em casa em relação à sua substituição pela praticidade e conveniência dos ultraprocessados por conta do menor preço por caloria dos alimentos mais saudáveis (MAIA EG, et al., 2022). O arroz e o feijão foram destaques entre as alternativas econômicas que contribuíram para a adoção de práticas alimentares mais saudáveis (MAIA EG, et al., 2022), porém uma evidência avaliou dados de preços de alimentos entre os anos de 1995 e 2030 sinalizando um cenário desfavorável ao consumo dos alimentos saudáveis no futuro (MAIA EG, et al., 2020).

A variação no preço dos alimentos é diretamente afetada pela colheita dos alimentos in natura que, por sua vez, são influenciadas por variações climáticas e disponibilidade de terra para seu plantio (ALPINO TMA, et al., 2022). Em 2016, o governo federal abdicou da formação dos estoques regulatórios de grãos para garantir a estabilidade dos preços desses produtos no mercado em períodos de alta potenciais de preço. Além disso, o feijão perde, cada vez mais, a área de plantio e cultivo para a soja e o milho (SANTOS A, CARRARA AF, 2025). Esses alimentos de *commodities* apresentam grande demanda internacional (devido a sua utilização na produção de biocombustíveis, ração animal e, principalmente, na produção dos alimentos ultraprocessados). Frente às essas safras mais lucrativas e rentáveis, os agricultores abandonam ou reduzem a área de plantio do feijão (que, por não ser um alimento de commodities, não apresenta valor agregado) (ALPINO TMA, et al., 2022; CARRARA AF, 2025).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda a implementação de subsídios aliada à educação nutricional para incentivar o consumo de frutas e hortaliças como parte de uma estratégia dietética global visando à prevenção e controle das DCNT (WHO, 2025). Nossos resultados podem contribuir para que as políticas de nutrição promovam o consumo regular do tradicional feijão e destaquem a necessidade de capacitar os indivíduos para escolhas alimentares mais saudáveis e conscientes no maior número de dias da semana possível, principalmente em um ambiente cada vez mais obesogênico.

Em uma perspectiva sistêmica, o feijão representa não apenas um marcador de uma alimentação saudável, mas o símbolo identitário da cultura alimentar tradicional do Brasil. Nossos resultados oferecem evidências da fragilidade da cultura alimentar tradicional na população brasileira. Em um espectro mais amplo, os dados podem representar a perda da diversidade culinária e da redução da comensalidade familiar durante as refeições (FANZO J, et al., 2021). Com a dinâmica do dia-a-dia das sociedades modernas, o sistema alimentar globalizado oferece a conveniência e praticidade dos produtos fast food, com longos prazos de validade e, na maioria das vezes, desprovidos de nutrientes perecíveis (FANZO J, et al., 2021).

As escolhas alimentares adequadas exploram dimensões relacionadas à comensalidade como a necessidade de desenvolver, exercitar e praticar habilidades culinárias (expressas no compartilhamento de saberes entre diferentes gerações e na perpetuação de uma cultura alimentar) (BRASIL, 2014; BECK AM, et al., 2021). As facilidades e conveniências do atual ambiente alimentar contribui para a perda de importância dos alimentos básicos e tradicionais frente à rapidez, praticidade e conveniência dos ultraprocessados (LEVY RB, et al., 2024). O principal resultado dessa mudança no consumo é a redução da qualidade da dieta e a deterioração dos padrões alimentares saudáveis/tradicionais/habituais e culturais (ZOU Y E LIN L, 2024; GESTEIRO E, et al., 2022).

O presente estudo apresenta limitações. As informações referidas foram obtidas por entrevista telefônica, utilizando-se um questionário próprio para grandes amostras populacionais (mais de 50.000 entrevistas por ano), que inclui questões fechadas, curtas e objetivas contribuindo para a simplicidade e baixo custo do instrumento. Por outro lado, a metodologia do Vigitel não possibilita a avaliação detalhada de dados quantitativos e qualitativos. Entretanto, embora o consumo alimentar referido esteja sujeito a imprecisões (como subrelato), o aspecto positivo do inquérito inclui a boa reprodutibilidade e adequada validade dos indicadores de consumo de alimentos e bebidas (MENDES LL, et al., 2011). Por fim, o presente estudo avaliou uma amostra grande (mais de 700.000 pessoas) e representativa da população adulta de todas as capitais brasileiras e do Distrito Federal.

CONCLUSÃO

A população adulta está reduzindo o consumo semanal e tradicional do feijão e excluindo-o da sua alimentação. As prevalências estimadas a partir dos dados de tendência indicam que o consumo regular de feijão não será o hábito mais predominante entre adultos no Brasil, a partir de 2037. Esse cenário contribui para um debate amplo e interdisciplinar envolvendo dimensões nutricionais, culturais, econômicas, agrícolas e de saúde pública. Estudos futuros poderão investigar os impactos nutricionais e epidemiológicos dessa mudança, especialmente quanto à ingestão de fibras, ferro e proteínas vegetais, bem como sua relação com doenças crônicas. Análises pertinentes incluem determinantes socioculturais, econômicos e geracionais associados ao abandono desse alimento tradicional, além da identificação dos produtos que o estão substituindo e seus efeitos sobre a qualidade da dieta. Pesquisas voltadas às políticas públicas, como o Guia Alimentar para a População Brasileira do Ministério da Saúde, e aos impactos na sustentabilidade e na agricultura familiar são igualmente relevantes. Contudo, tais investigações poderão enfrentar limitações metodológicas, como o uso de dados autorreferidos, dificuldades em estabelecer causalidade, incertezas inerentes a projeções e a heterogeneidade regional do país, exigindo abordagens interdisciplinares e modelos analíticos robustos.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil pelo suporte financeiro (CAPES; código de Financiamento: 001).

REFERÊNCIAS

1. ALPINO TMA, et al. Os impactos das mudanças climáticas na Segurança Alimentar e Nutricional: uma revisão da literatura. Ciência & Saúde Coletiva, 2022; 27(1):273-286.
2. BECK AM, et al. Grandchildren's food workshop: Impact of an intergenerational cooking program on dietary habits, food courage, cooking skills and two-way interaction in Danish children and their grandparents. Nutr Health., 2021; 27(4): 413-421.
3. BÉJAR LM. Weekend-Weekday Differences in Adherence to the Mediterranean Diet among Spanish University Students. Nutrients, 2022; 14(14): 2811.
4. BEZERRA IN, et al. Evolution of out-of-home food consumption in Brazil in 2008-2009 and 2017-2018. Rev Saude Publica, 2021; 55(suppl 1): 6s.
5. BRASIL. Guia alimentar para a população brasileira. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

6. BRASIL. Vigitel Brasil 2024: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: Estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográficas de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2024. Brasília: Ministério da Saúde, 2025.
7. ESPOSITO F, et al. Weekday and Weekend Differences in Eating Habits, Physical Activity and Screen Time Behavior among a Sample of Primary School Children: The "Seven Days for My Health" Project. Int J Environ Res Public Health, 2022; 19(7): 4215.
8. FANZO J, et al. The importance of food systems and the environment for nutrition. Am J Clin Nutr, 2021; 113(1): 7-16.
9. FAO. Nutritional Benefits of Pulses. Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2021.
10. FAO. 2024. Food and Agriculture Organization. The Globalization of Dietary Patterns. Disponível em: https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/7ca7c051-6ad2-4595-820b-c373fdb365f1/content/state-of-agricultural-commodity-markets/2024/globalization-dietary-patterns.html. Acesso em: 05 de fevereiro de 2026.
11. GESTEIRO E, et al. Eating out of Home: Influence on Nutrition, Health, and Policies: A Scoping Review. Nutrients, 2022; 14(6): 1265.
12. GRANADO FS, et al. Reduction of traditional food consumption in Brazilian diet: trends and forecasting of bean consumption (2007-2030). Public Health Nutrition, 2021; 24: 1185-92.
13. IBGE. Avaliação nutricional da disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020.
14. IBGE. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009: Antropometria e Estado Nutricional de Crianças, Adolescentes e Adultos no Brasil. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.
15. LEVY RB, et al. How and why ultra-processed foods harm human health. Proc Nutr Soc, 2024; 83(1): 1-8.
16. MAIA EG, et al. Replacing ultra-processed foods with fresh foods to meet the dietary recomendations: a matter of cost? Cad Saude Publica, 2022; 37(Suppl 1): e00107220.
17. MAIA EG, et al. What to expect from the price of healthy and unhealthy foods over time? The case from Brazil. Public Health Nutrition, 2020; 23: 579-88.
18. MENDES LL, et al. Validade e reprodutibilidade de marcadores do consumo de alimentos e bebidas de um inquérito telefônico realizado na cidade de Belo Horizonte (MG), Brasil. Rev Bras Epidemiol, 2011; 14: 80-9.
19. MONTEIRO LS, et al. Consumo alimentar segundo os dias da semana – Inquérito Nacional de Alimentação, 2008-2009. Rev Saude Publica, 2017; 51:93.
20. QIAO J, et al. Global burden of non-communicable diseases attributable to dietary risks in 1990-2019. J Hum Nutr Diet, 2022; 35(1): 202-213.
21. SANTOS A, CARRARA AF. Estoques regulatórios e controle da inflação dos alimentos: impactos na política pública e segurança alimentar no Brasil. Rev. Econ. Sociol. Rural, 2025; 63: e283518.
22. TURNER G, et al. The association of dimensions of fruit and vegetable access in the retail food environment with consumption; a systematic review. Glob Food Sec, 2021; 29: 100528.
23. VASCONCELOS TM, et al. Purchase of food for away-from-home consumption according to urban and rural areas of Brazil between 2002 and 2018. Rev Bras Epidemiol, 2025; 28: e250013.
24. WHO. 2026. World Health Organization. Healthy diet. Disponível em: https://www.emro.who.int/noncommunicable-diseases/causes/unhealthy-diets.html. Acesso em: 05 fevereiro de 2026.
25. WHO. Noncommunicable diseases. Geneva: World Health Organization, 2025.
26. ZOU Y, LIN L. From clicks to calories: Online-to-offline food consumption and overweight and obesity. PLoS One, 2024; 19(12): e0315189.